Identidade de jornalistas latino-americanos em redes sociais[1]

Edson Capoano[2]

Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade de São Paulo, SP

Resumo

Este artigo analisará o diálogo cultural e as atualizações identitárias em uma rede de jornalistas, o Programa Balboa. Espera-se compreender como redes sociais, especialmente presenciais, contribuem para a humanização e a combinação de narrativas regionais e continentais.

A forma com que o indivíduo monta seu próprio texto cultural, entende e registra a si mesmo, objetiva e subjetivamente, compõe o imaginário e a narrativa da sociedade que faz parte. Em diversas redes de diálogo, ele recombina signos pessoais e coletivos, estimulando a atualização de identidades.

Neste artigo, a formação e atualização de identidades individuais serão analisadas segundo casos de jornalistas latino-americanos que participam de uma rede, inicialmente presencial, o *Programa Balboa para Jóvenes Periodistas Iberoamericanos*.

Palavras-chave: Redes sociais; redes presenciais; identidades; América Latina; jornalistas.

Introdução

O programa Balboa é um curso que se desenvolve na Espanha, com o intuito de promover o conhecimento mútuo entre os países integrantes da comunidade latino-americana. Desde 2002, já são 260 latinos, 20 jornalistas por ano, que passam um semestre na Espanha, trabalhando em meios de comunicação locais, a fim de terem experiência de imersão na cultura local espanhola, e ao mesmo tempo que trocam informações com seus colegas latinos, com os quais convivem e vivem juntos. Também é oferecido um programa de capacitação, com professores e especialistas de diferentes universidades e instituições, que ministram sessões para aproximar os participantes à realidade histórica, social, política, econômica, cultural e midiática da Ibero-América.

No término do intercâmbio presencial, os participantes do Programa Balboa geralmente produzem matérias aos jornais espanhóis como freelancers e estabelecem uma rede de relacionamento entre si. Os jornalistas do programa Balboa são mediadores de representações simbólicas que aprenderam nas redes profissionais. Carregam símbolos

[1]Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, XIII Encontro dos Grupos de

[2] Professor período integral da Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Doutorando pelo Programa de Ciências de Integração da América Latina (PROLAM-USP). Capoano@mackenzie.br ; edson.capoano@gmail.com .

identitários dos ethos em que circulam, sejam eles jornais, ONGs, cidades, nações ou outros indivíduos do continente.

Definiu-se o Programa Balboa como estudo de caso pois o autor deste artigo faz parte da rede, facilitando o acesso e o diálogo com seus membros. Além disso, após pesquisas comparativas do programa Balboa com redes latino-americanas e estadunidenses[3], constatou-se que o Balboa é a rede que mais propicia a experiência compartilhada entre os membros; a que mais se encontrou aspectos objetivos e subjetivos para a composição de identidades profissionais dos jornalistas envolvidos; a que mais propiciou a restauração de momentos importantes que compuseram a percepção de mundo dos jornalistas; a que mais estimula o diálogo entre os participantes, tanto profissionalmente como afetivamente.

A metodologia de pesquisa o artigo é qualitativa, realizada através de entrevista com os jornalistas Rocío la Rosa Vázquez, do Peru, Laura Guzmán e David Santa Cruz, do México, Eswin Quiñónez, da Guatemala, Helena Fruet e Marcos Todeschini, brasileiros, e de Santiago Torrado, colombiano. Neste paper, devido à limitação de espaço, serão apresentadas apenas as conclusões das entrevistas, em que se utilizou o método bibliográfico de pesquisa, bem como conceitos teóricos como identidade, redes sociais, influência, afeto e diálogo cultural[4].

Identidade

Quais processos de atualização da identidade operam sobre jornalistas latino-americanos, relacionados pela rede social presencial Programa Balboa? O que faz mover a identidade individual, no caso dos jornalistas Balboas?

Apesar de suas especificidades, as identidades sofrem influência de matrizes culturais e ethos tradicionais. Segundo MORAGAS SPA (1988: 4), tratam-se das influências geopolíticas, linguísticas, históricas e sociais. São variantes que comportam localidades, regionalidades, nacionalidades e transnacionalidades; expressões idiomáticas, que acessam pontos específicos da cultura; tradições filosóficas, literárias, artísticas e religiosas; contextos espaciais e sua influência nas organizações sociais, tais como os ambientes rural e urbano; e a consequente formação de comunidades modernas, industriais

[3] Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano (COL), Avina para Desarrollo Sostenible (PAN) y Televisión América Latina (BRA); Nieman Foundation for Journalism at Harvard, Knight Science journalism at MIT, Knight-Bagehot fellowship in economics and business Journalism of Columbia University, Tow Knight Entrepreneurial journalism in CUNY (City of New York University) e John S. Knight Journalism Fellowships at Stanford.

[4] Detalhes das entrevistas com os jornalistas serão discutidos na apresentação do artigo no Intercom 2013.

e pós industriais, como os sindicatos, as organizações não-governamentais e as redes sociais.

Mas cada indivíduo encontra sua própria forma de interpretar objetos materiais e simbólicos que lhe compõem. Visões locais e globais dependem de experiências históricas e adaptação ambiental pessoais para que estas gerem elementos simbólicos adaptados a tempos e espaços individualizados, mais dinâmicos que modelos de identidade estratificados, como os provindos do Estado Nação, por exemplo. A identidade cultural, fruto de experiências individuais e coletivas, é um legado móvel, dinâmico e criativo.

Esses textos identitários são fruto da ação individual e coletiva, do dinamismo cultural das sociedades e da participação dos seus membros. Por isso, a identidade não é uma tabela de características individuais, mas a relação entre características de duas ou mais pessoas. A identidade é um texto cultural formado e reconhecido pelo diálogo entre indivíduos. Identidade cultural e diversidade cultural são, portanto, indissociáveis. Se diversidade não é contrária à identidade, então as diferenças simbólicas que os indivíduos trocam entre si aumentam a universalidade de suas identidades.[5] Identidade é a relação de elementos simbólicos dialógicos, não o consenso ou a homogeneização de visões de mundo.

Como os jornalistas latinos do Programa Balboa são representantes de meios de comunicação do continente, é importante compreender como eles compõem suas identidades. É preciso entender como esses indivíduos equilibram as diversidades simbólicas individuais com as coletivas, as influências dos ethos tradicionais com as dos fluxos das redes sociais, suas experiências pessoais com os interesses profissionais das empresas de jornalismo nas quais trabalham.

Normalmente, a identidade é tratada no jornalismo como sinônimo de estandardização e homogeneização. Ou seja, a identidade seria um consenso, pela supressão de diferenças. Não à toa, quando o jornalismo trata da cultura brasileira e latino-americana, como variantes linguísticas e demais tradições regionais, aborda-as como temas exóticos nas editorias de cultura. Confundir quantidade de notícias culturais com qualidade na cobertura sobre diferentes identidades é outra confusão que normalmente ocorre no jornalismo.

[5] "Cultural universality must be understood as a relation between identities, and not as a homogenisation of the world's different local cultures in the interests of one particular local culture." (1988: 4)

Além disso, a homogeneização do produto jornalístico e do perfil do público são características da indústria cultural e da comunicação contemporâneas[6]. Por isso, ao se tratar identidade no jornalismo, é interessante abordar a identidade dos jornalistas. As soluções individuais destes para suas próprias narrativas podem atualizar os textos jornalísticos sobre identidades. Os jornalistas Balboas, ao reconhecerem o diálogo de suas identidades com as demais na América Latina, podem agir contra a homogeneidade simbólica, icônica e linguística no jornalismo de suas redações[7].

O reconhecimento da construção e da recombinação de identidades diversas entre indivíduos, representadas neste trabalho por jornalistas latino americanos da rede presencial Programa Balboa, pode alterar os fluxos simbólicos dos conteúdos de mídia do continente. MORAGAS SPA (1988) refletiu sobre novos equilíbrios de fluxo de informação, em tempos de diálogo simbólico glocal. Pode-se transpor algumas de suas conclusões sobre as empresas de comunicação para o universo das redes sociais presenciais e para a contribuição do diálogo de identidades dos indivíduos.

As condições estabelecidas para a produção simbólica das empresas *broadcasting* dos anos 60, 70 e 80 eram verticalizadas, com sentido único de poucos emissores para muitos receptores, com equilíbrio e diálogo com os receptores pouco eficiente. MORAGAS SPA (1988: 13) considera as condições de produção elementos importantes para o equilíbrio simbólico cultural em sistemas de comunicação. Nas redes sociais, o sistema de produção passa de verticalizado para descentralizado, com elementos interligados sem hierarquia ou direção única no fluxo de informação. As redes estariam no que o autor define como novos espaços e níveis de fluxo de informação, em uma nova ordem de diálogo que não é definida pelos ethos tradicionais, como os Estados Nação ou empresas de comunicação.

No diálogo direto entre os membros de uma rede, o equilíbrio entre as trocas simbólicas e o objetivo do diálogo entre indivíduos é definido majoritariamente pelos atores envolvidos. Diferente das empresas de comunicação interpretadas por SPA (1988:14), os indivíduos necessitam contemplar as localidades e as relações complexas que compõem suas identidades, afastando-se do sistema massivo de produção de informação. Segundo SPA, a diversificação dos níveis de informação determina os diferentes usos sociais da informação. Por isso, as marcas individuais na informação, provenientes dos comunicadores

[6] "This envolves two general lines of action: the standardisation of networks and communications instalations, and the organization of the common research and development plan." (1988: 9)

[7] "Cultural homogeneity nowadays takes the forms of both linguistic and iconic homogeneity." (Idem: 12)

e suas combinações identitárias individuais, contribuem para a diversificação da comunicação.

Outras formas de participação social através das práticas de comunicação vistas por Moragas Spà se dão pela localidade e pela aquisição de tecnologias de descentralização. Na avaliação do pesquisador, a grande quantidade de propagação de informações graças à tecnologia não tem garantido diversidade informativa para o público. E a prova desse fenômeno de desligamento do comunicador com o receptor está na baixa ação social da sociedade perante as informações que lhe são oferecidas.

Novamente, acredita-se que o reequilíbrio entre essas duas pontas pode estar na compreensão das narrativas identitárias dos próprios comunicadores. A percepção das combinações simbólicas individuais dos jornalistas Balboas, no caso deste paper, podem religar o binômio identidade cultural e comunicação social que Moragas Spà acredita ser o necessário para que as empresas de comunicação voltem a estimular a democracia participativa através da expressão simbólica[8].

Tanto as novas tecnologias, para Moragas Spà, quanto as redes sociais, para este paper, podem estimular uma nova forma de recepção e troca para a comunicação. Tanto a tecnologia quanto novas as formas de utilizá-la podem equilibrar espaços locais com símbolos globais, de forma a valorizar as experiências regionais, demonstrar sua valia frente a fenômenos continentais. Trata-se de informações engajadas na vida dos indivíduos, graças ao diálogo entre suas narrativas identitárias e o uso dessas percepções de mundo para gerar um texto ampliado, em diálogo com o outro pela diversidade cultural, não pela homogeneidade, nem pelo consumo desenfreado de informações massivas.

O diálogo de identidades possibilitado pelas redes sociais pode estimular a participação individual e coletiva das comunidades do processo comunicativo, pois é mais democrático na medida em que permite a participação de todos membros na troca de bens simbólicos e na construção de uma narrativa ampliada, dialógica. Redes são ethos de troca e de relações simbólicas, onde é possível reivindicar espaço das culturas locais e das identidades individuais recombiná-las com outras identidades e fazer um grande texto global e dialógico.

[8] "We have asserted that this binomial should be treated as a dielectic betwen the diferences and the relation between cultures. The raison d'être of cultural identity can thus be no other than that of making democratic participation possible." (1988: 15)

Redes

Uma das hipóteses do paper é que jornalistas atualizaram suas narrativas identitárias e compreendam a identidade dos demais latino-americanos através de redes de troca e diálogo. As culturas locais e regionais podem ser descobertas, discutidas, aprofundadas, intermediadas, transmitidas e potencializadas de forma equilibrada, globalmente.

Esta não é uma pesquisa sobre redes tecnológicas, mas como o adensamento das relações locais continentais se potencializa por jornalistas que saibam utilizá-las. WAINBERG (1997) reafirma o conceito de redes, mostrando que as conexões sociais vieram muito antes das tecnológicas:

> "A história da comunicação humana tem sido a história das redes. As tecnologias de transporte e comunicação, das mais precárias às mais sofisticadas e contemporâneas, buscaram sempre o mesmo efeito: a superação dos obstáculos geográficos e do tempo. (...) Hoje, tais trilhas são o resultado do desenvolvimento das telecomunicações e tecnologias associadas. Estas infovias de cabos interligados estão cada vez mais densas (...) Os impactos culturais, sociais, econômicos de tais conexões tem sido destacados... A regra vigente no momento é partilhar com outros teias cada vez intrincadas de artefatos comunicacionais que em topografias cada vez mais multiformes que permitem a partilha e a troca."
>
> (WAINBERG, 1997: 195)

A definição de redes de Manuel Castells também é útil para compreender o que e uma rede para além da tecnologia:

> "Rede é um conjunto de nós interconectados. (...) Por sua vez, dentro de determinada rede os fluxos não têm nenhuma distância, entre os nós. (...) A inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias da informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e funções predominantes em nossas sociedades."
>
> (CASTELLS, 2000: 566)

As demais teorias sobre redes sociais usadas neste paper provem das Ciências Sociais, interdisciplinarmente, como a Antropologia, a Sociologia e as Ciências Políticas. Elas se aprofundam nas formas de organização social, como etnias tradicionais, sindicatos e partidos políticos. Assim, geram modelos de compreensão das redes e das conexões para além da tecnologia.

Cremilda Medina, com seus conceitos sobre o diálogo dos afetos, discute uma comunicação mais humana em qualquer suporte de comunicação. O trabalho de MEDINA (2003), gerado em pesquisas interdisciplinares, afirma sua compreensão de que os afetos são a sustentação dos diálogos e das redes do saber, muito mais que modelos de comunicação funcionalizados ou redes digitais tecnológicas.

Por isso, este paper reafirma seu objetivo de estudar redes como ambientes de conexões entre indivíduos, que geram textos culturais através do diálogo, da confiança e do afeto, produzindo identidade entre pessoas, povos e culturas.

Redes são relações entre indivíduos, uma forma simples de interpretar um fenômeno comum e imprescindível, que está em todas as esferas da vida. O fundamental do conceito está explicado com a simples palavra redes, não distante do conceito de grupos, de conexões ou de relações: grupos de amigos ou colegas, conexões entre jornalistas ou entre quaisquer trabalhadores ou relações entre latino americanos ou qualquer civilização. Todas as conexões humanas podem ser interpretadas como redes: grupos de pessoas que estão mais profundamente conectadas que nas suas outras relações.[9]

Se os ethos geram identidades, as redes geram conexões. Os ethos tradicionais fazem indivíduos conviverem com gente parecida entre si, com a mesma formação e atuação social. As redes, por outro lado, são escolhas dos indivíduos de se conectarem de forma distinta, independente do espaço físico ou da origem. Enquanto os ethos tradicionais são espaços materiais, as redes não o são necessariamente. Enquanto nos ethos, as pessoas são competidoras, pois tem os mesmos papeis e vão disputar espaço na sociedade, as redes demonstram que papel escolhemos, a partir de alguma carência que temos individualmente. Portanto, as redes influenciam nossa identidade a partir do nosso papel e dos demais no grupo.

A hipótese deste trabalho e que o Programa Balboa é ambiente de aceleração e de aprofundamento de trocas simbólicas entre seus membros. Pois a Rede funciona como um espaço criativo, onde o que se cria dentro dela – e também o que se cria fora, mas se transporta a ela – é dividido por todos. E os bens simbólicos que os jornalistas trocam e produzem entre si ficam na estrutura da rede, sob forma de cultura, como as recomendações dos membros antigos aos novos, a percepção de grupo que os professores tem dos Balboas quando dialogam em sala, dos chefes de jornalismo que guardam referências profissionais dos jornalistas latino-americanos. A rede social guarda memória coletiva.

São as relações pessoais que mantém diálogo dentro da rede Programa Balboa. A influência entre os Balboas é maior e duradoura quando os jornalistas se mantiveram próximos, presencialmente. Mas a Rede mantem laços que permitem novos encontros momentâneos ou diálogos sem encontro físico. Vão-se as redes presenciais, ficam as redes

[9] In a very basic sense, then, a social network is an organized set of people that consists of two kinds of elements: human beings and the connections between them. (2011: 11)

de afeto entre as pessoas.

Emoções em rede

As emoções mudaram a maneira de se relacionar na rede do Programa Balboa. Quando os indivíduos conseguem entender a emoção dos outros membros da rede, há uma coesão no grupo, que gera facilitação de se criar laços, sincronização de comportamentos e a troca informativa com qualidade, ou seja, diálogo. Os vínculos pessoais gerados em rede sincronizam indivíduos, fazendo identidades serem mais facilmente compreendidas. Indivíduos sincronizados emocionalmente trocam informações mais rápido e melhor que em palavras ou em discursos racionais[10].

Os laços pessoais criados entre os jornalistas latinos permitem a criação de um mundo subjetivo em comum. Por esse fenômeno, os jornalistas podem ter mudado seu imaginário sobre a América Latina mesmo estando na Espanha, ou estando em separado, quando cada Balboa voltou ao seu país. Sofrer e sentir-se não-europeu e longe de casa também constituiu parte da nova identidade gerada em rede pelos jornalistas. Imaginar o pensamento dos outros nos faz criar redes de influência com eles. Deixa-se de ver redes apenas como uma teia, mas seus pontos, que são as pessoas. A forma como elas estão interligadas define a influência que tem umas sobre as outras. Basicamente, é a amizade e a afinidade que define esse posicionamento. A troca de experiência entre jornalistas Balboas amigos gera trocas na identidade individual.

Organizações como o Programa Balboa se assemelham mais a redes de confiança, onde nos indivíduos tem mais peso que a superestrutura que os reúne. Na rede que permite mais a confiança entre colegas, profissional e pessoalmente, há o estímulo da troca de dados, fontes e produtos culturais como textos e demais objetos simbólicos, sem a precondição da cobrança ou concorrência intrapessoal, comum nas empresas de comunicação tradicionais. Com essa liberdade dos indivíduos, a rede é mais descentralizada e mais desorganizada, já que os indivíduos usam o Programa Balboa como início de suas práticas em rede, mas não dependem mais da organização quando já se estão autogerindo. Assim, a rede pela confiança mantem o diálogo cultural e o fluxo de trabalho para além da experiência presencial, que culmina no crescimento da influência da rede, mantendo-se o diálogo cultural nas conversas digitais e à distância.

[10] Emotions may be a quicker way to convey information about the environment and its relative safety or danger than other forms of communication, and it seems certain that emotions preceded language. (2011: 37)

Nos casos estudados anteriormente ao Programa Balboa, outras redes de jornalismo oferecem práticas laboratoriais e pedagógicas aos membros, implantando experiências novas graças ao ineditismo dos encontros internacionais e os altos níveis de jornalismo que propõem. Destacam iniciativas inovadoras no jornalismo como modelos a serem compreendidos - não reproduzidos- e adaptados as realidades locais dos jornalistas.

Suas oficinas de trabalho estimulam papéis interativos e dinâmicos entre os membros das redes, para que possam se ajudar com fontes e dados quando voltarem às suas redações. A experiência oral que realizam ao trocarem histórias troca modelos e soluções de jornalismo entre os membros. As redes de jornalismo são pequenas iniciativas de vanguarda, mas são centros de capacitação e consolidação do papel de jornalista.[11]

No programa Balboa, especificamente, percebe-se mais chances de trocas culturais e de diálogos entre identidades que nas demais redes de jornalismo analisadas na América Latina e nos EUA. As demais organizações não mantem seus membros juntos, presencialmente, por muito tempo. Isso interfere na construção de laços afetivos e de confiança, que facilitam as trocas simbólicas. Além disso, essas redes são mais pragmáticas e funcionalizadas que o Programa Balboa, oferecendo menos tempo e espaço para trocas culturais, graças à sua organização com aulas, palestras, oficinas e trabalho conjunto.

Isso pode se comprovar até mesmo dentro da própria rede do Programa Balboa. Há mais chances de se criar laços entre dois a três Balboas do que entre os 20 integrantes de toda a edição anual. Ou entre os mais de 260 integrantes da rede até 2013 e crescendo a cada ano. Entende-se portanto que os laços de confiança e de afetos são mais pertinentes do que as conexões tecnológicas, profissionais e burocráticas entre os membros.

Pode-se concluir então que o programa Balboa permite mais chance de gerar uma rede entre amigos que de jornalistas. Há mais chance de seguir adiante com laços afetivos e de confiança do que uma rede profissional sem laços pessoais.

Inicialmente, isso pode parecer um problema, já que não é objetivo de redes profissionais gerar afetos. Mas o fato é que quanto mais frágil é a burocratização da rede social, maior é o espaço para o diálogo e para as aproximações pessoais. A desestruturação burocrática da rede de jornalistas ressalta os laços de confiança entre os membros, gerando uma rede de pessoas e uma identidade na construção simbólica em comum.

[11] Assim como pede MEDINA,
"Seria o caso de acrescentar depoimentos vivos, quando não são possíveis registros por escrito, de experiências marginais. Ao tomar conhecimento de que em tal lugar se faz tal coisa, seria o caso de gravar com o grupo de trabalho um relato da iniciativa." (1982: 292)

O Programa Balboa segue em 2013, com o nome Programa Iberis, após uma crise que quase encerrou o intercâmbio profissional. Isso aproximou um grupo de jornalistas representantes da rede na América Latina para manutenção da rede. Ou seja, reiterou-se quem faz parte dos laços de troca e atuação e quem apenas figura na rede como contato potencial. Os membros atuantes tomaram como seus os problemas administrativos do Programa, dividindo não só o mel da experiência na Espanha, mas o fel de manter uma rede de confiança à distância.

É preciso que os indivíduos que compõem a rede assumam participação nos diálogos para a melhora do agora Programa Iberis. Caso contrário, uma rede de afetos e confiança de centenas de jornalistas se tornará apenas um curso de intercâmbio com centenas de ex-integrantes, sem diálogo entre localidades, sem influência na produção jornalística uns dos outros, sem constituição de rede alguma.

Conclusões

Como objetivo deste paper, pretendeu-se entender processos de formação de identidades contemporâneas, especificamente as de jornalistas latino-americanos, participantes de redes profissionais e presenciais de jornalismo. Outro objetivo foi entender como redes sociais são ambientes glocais de troca e diálogo, se influenciam as identidades de seus membros, na sua atualização, na comparação com outras identidades ou na transcriação de novos imaginários. As redes parecem estimular trocas de experiências, gerado uma identidade glocalizada e ampliada.

A questão se justifica pois jornalistas são mediadores de fatos, formadores de opinião e imaginário graças às suas próprias narrativas e combinações simbólicas. Por isso, entender como eles geram seus próprios equilíbrios identitários entre as influências locais e globais de cultura é pertinente.

Despidos de seus papéis locais nas sociedades de seus países, jornalistas em redes presencial viveram, sentiram e trocaram modos de ser, que foram reconstituídos pelos seus modos de dizer e de se interpretar, mais peculiares e especiais que qualquer análise estatística que muitas pesquisas sobre redes sociais apresentam como conclusões. Neste artigo, isso não foi preciso. A complexidade das identidades foi compreendida dialogando com seus portadores. A profundidade das pessoas foi descoberta ouvindo-as em seus ambientes de origem, suas cidades e seus empregos. Analisaram-se identidades latino-americanas, no plural, de perto.

A identificação entre os jornalistas entrevistados está na intenção de fazerem o diálogo, não apenas no que produzem como jornalistas ou recebem dos interlocutores. Os jornalistas Balboas se jogaram na aventura de descobrir o Outro e, com isso, entenderam melhor o que é a América Latina porque ouviram melhor a si mesmos.

É uma ambiguidade do perto e do longe, do pessoal sobre o profissional, reproduzida no Programa Balboa. Se há uma rede, com tessitura e flexibilidade ao espaço e ao tempo, afinal, hoje os Balboas vivem longe uns dos outros, essa é realizada pelos afetos. Os outros objetivos, profissionais e racionais, são efetuados eventualmente, pela necessidade e possibilidade de acesso a pessoas via tecnologias da comunicação. Ou seja, é qualquer rede de contatos. É a confusão que se faz atualmente entre os milhares contatos das redes sociais e dos amigos de verdade. Se há dúvida, pense nas pessoas com que alguém divide o anúncio de uma doença grave. Sua rede se restringira à uma sala de estar.

Este é o motivo pelo qual redes sociais presenciais serão chamadas na conclusão deste trabalho como redes de confiança e de influência. O modo como um a um nos influenciamos no Programa Balboa define como entendemos nossa identidade e a dos nossos interlocutores e o que entendemos por América Latina. Por atualmente não termos relações profissionais diretas, ou seja, não somos chefes ou colegas de trabalho, a influência entre os Balboas tem gradações diferentes das comuns no jornalismo, tais como fontes primárias e secundárias, ou altos cargos nos governos, seguidos de especialistas sobre temas. Há uma cabo de guerra entre os editores dos jornais onde trabalham os Balboas, sua rede de confiança na América Latina e o que quer cada indivíduo para si mesmo e para o continente. Suas identidades definem a combinação do local com o global, não mais de forma imaginada, mas ampliada pelos diálogos da rede de confiança e influência.

As redes sugerem a recombinação de conhecimento e o diálogo horizontal entre os membros. São criados espaços na grade de estudos e tempos livres para o intercâmbio de ideias. Vazios planejados, pode-se dizer. Mas na falta dos cursos presenciais, não há tempo ou espaço para o diálogo entre jornalistas. O que mais ocorre são apresentações e trocas de e-mails para futuro diálogo ou contato.

O Programa Balboa, por estabelecer seis meses de convivência, possibilita diálogo entre os jornalistas. Não que isso seja planejado, pelo contrário. O vazio possibilitado pelos horários de trabalho e pelas aulas apenas em um dia da semana permite o encontro e diálogo entre os jornalistas. Parece que, quanto mais desorganizada, mais liberdade a rede proporciona para seus membros.

A geração de confiança e de afeto entre membros das redes presenciais tende a ser maior. A convivência é preponderante neste aspecto, e a vivência em um país estrangeiro aproxima jornalistas na mesma situação de exílio cultural. A confiança não está na execução das atividades do curso ou nos trabalhos conjuntos em jornalismo, mas na convivência entre colegas, em identidade por serem jornalistas, estarem longe de seus países e almejarem coisas em comum.

Há relação entre produtividade e treinamento da rede presencial com o tempo livre e o estreitamento das relações. Quanto mais trabalhos, aulas, seminários e oficinas participam os jornalistas, mais forte é a identidade profissional de jornalistas e maior produtividade se tem enquanto a rede se mantem presencial. Por outro lado, nas redes em que há mais tempo e espaço para o diálogo de individualidades, mais forte é a identidade entre indivíduos, a rede de confiança, que perdura para além da experiência presencial.

Nas redes, há interesse em difundir o conhecimento compartilhado na experiência presencial, seja pela atuação do jornalista participante, seja pelo trabalho conjunto entre membros da rede, seja pela reprodução de modelos e técnicas dentro das redações dos participantes.

Redes são capazes de organizar novos espaços de diálogo, não restritos pela dissolução da experiência presencial. A continuidade do funcionamento das redes parece depender dos laços profissionais ou pessoais (principalmente estes) compostos na experiência em conjunto. Os interesses dos membros e redes sociais configuram novas combinações, novas formas de produção social e coletiva.

As identidades pessoais não parecem ser alteradas, mas atualizadas com novas informações e no enfrentamento de diferentes visões de mundo. Já as identidades profissionais tendem a alterar-se, devido à experiência de campo nas redes e pela troca de casos e exemplos entre membros das redes presenciais.

Referências bibliográficas

BAITELLO JUNIOR, Norval. O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia.. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1999.

CANCLINI, Néstor García; MOLINA, Sérgio. Latino-americanos à procura de um lugar neste século. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da EdUERJ, 1999.

_____. A globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1

_____. Communication Power. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CHRISTAKIS, Nicholas A.; FOWLER, James H. Connected: The Surprising Power of Our Social Networks and How They Shape Our Lives. Hachette Book Group. 2011.
HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: CENTAURO, 2008.
HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2005.
MEDINA, Cremilda. A arte de tecer o presente. Summus, 2003.
_____. Profissão Jornalista: Responsabilidade Social. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1982.
MORAGAS SPA, Miguel de. Cultural Identity, Communication Spaces and Democratic Participation. XVI IAMCR Conference. Barcelona, 1988.
MORIN, Edgar. Paradigma perdido: a natureza humana. 6a ed. Mem Martins: Europa
WAINBERG, Jacques A. Casa Grande e Senzala com Antena Parabólica. EDIPUCRS, 1997.